



miguilim

revista eletrônica do netlli
volume 1, número 1, dez. 2012

MIKHAIL BAKHTIN E CLARICE LISPECTOR: EVOLUÇÃO DE UMA MIOPIA



Sybelles Rúbia Duarte SAMPAIO

(Netlli/URCA)

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [A AUTORA](#)
RECEBIDO EM 09/10/2012 • APROVADO EM 09/10/2012 (AUTORES CONVIDADOS)

Resumo

Neste trabalho, examinamos o conto *Evolução de uma miopia*, de Clarice Lispector, à luz dos contributos analíticos extraídos do ensaio *O autor e a personagem na atividade estética*, de M. M. Bakhtin. Fazemos uma análise discursiva do perfil da personalidade da personagem do conto: um menino que esconde, atrás de uma miopia, seu medo e sua instabilidade. O reconhecer-se axiologicamente do garoto no devir de sua existência é resultado do acabamento que os outros lhe dão. A visão do *outro* e o julgamento das outras pessoas que o veem de fora do contexto da sua consciência vão moldando sua personalidade e definindo a visão volitivo-emocional na arquitetônica de sua vida.

PALAVRAS CHAVE: Outridade. Instabilidade. Atividade ética e estética.

Texto integral

O contato primeiro com o conto *Evolução de uma miopia*, de Clarice Lispector, já permite ao leitor um alinhamento com alguns conceitos defendidos por Mikhail Bakhtin, nos escritos intitulados *O autor e a personagem na atividade estética*. A associação da inteligência do garoto míope com a instabilidade dos outros remete ao conceito de exotopia: a palavra *instabilidade* atrelada à ideia da visão do *outro* cria uma oportunidade de investigação sobre a formação do indivíduo (o garoto), esta que, mimicamente oscilante, altera-se diante de todo o contexto social e ainda familiar emotivo. Ora o contexto de convivência do garoto com seus entes promovia um tipo de comportamento familiar sem relação direta com suas palavras, ora desenrolava um sequencial de atos no contato direto com o que ele dizia. Esse comportamento – no qual a instabilidade alheia é determinante da visão que o sujeito tem de si mesmo a partir do excedente de visão que há sempre em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do lugar único no mundo assumido pelo homem, porque nesse lugar único todo o conjunto de circunstâncias está fora dele, há uma diferença de horizontes que se encontram, mas não se fundem. Contemos com esse trecho do conto para uma explanação maior de nossas ideias:

Se era inteligente não sabia. Ser ou não inteligente dependia da instabilidade dos outros. Às vezes o que ele dizia despertava de repente nos adultos um olhar satisfeito e astuto. Satisfeito, por guardarem em segredo o fato de acharem-no inteligente e não o mimarem; astuto, por participarem mais do que ele próprio daquilo que ele dissera. Assim, pois, quando era considerado inteligente, tinha ao mesmo tempo a inquieta sensação de inconsciência. (LISPECTOR, 2009, p. 237)

Com essa passagem do conto, Clarice exprime a mutação comportamental de um menino que se vê diante de uma miopia que se agrava a cada visão desfocada de si mesmo em relação com o mundo exterior. Cada elemento do conto, inclusive a personagem, torna-se inacabado. A consciência da personagem imprime um dever incessante em relação à descoberta do propósito de sua existência em ser a partir do seu conhecimento de mundo limitado. Sua miopia é atribuída ao fato dessa limitação em entender e perceber o mundo por seus próprios olhos.

Enfocamos, ainda sobre essa associação, o uso feito pelo autor de dois vocábulos, constituintes simultaneamente de efeito contrastivo e complementar: “satisfeito” e “astuto”. No entanto, para entender o ponto em que eles se encontram e se fundem, nota-se um olhar que identifica o sujeito com as diversas fontes formacionais de suas expectativas, nas quais se insere a família. O autor-criador se manifesta na “inquieta sensação de inconsciência”, inconsciência aparentemente do menino – quando tido como inteligente. Porém a consciência viva aí não é do menino, mas da voz narrativa que expõe um olhar sobre o sentir da personagem. Ao considerarmos a ética do herói, percebemos nele uma tranquila habilidade de adorno às expectativas dos outros: “às vezes procurando imitar a si mesmo, dizia coisas que iriam certamente provocar de novo o rápido movimento no tabuleiro de damas” (LISPECTOR, 2009, p. 237). Nesse ponto da narrativa, encontramos a automaticidade do Ser diante da influência externa. O menino sabia qual reação causaria a partir de suas palavras e sentia um conflito interior quando as reações eram adversas – que o autor chama de *chave de sua inteligência* –, ficando claro que o menino não tinha a *posse* dessa *chave*. O agir ético desse personagem e dos membros da sua família possuía um tom volitivo mecanicamente programado, covivenciados através das mesmices internas de cada um deles. Esse processo de alteridade leva o garoto a querer apoderar-se da chave se sua inteligência, ou seja, a cada ato seu seguido da reação de sua família, poderia perceber as suas próprias leis. Poderia se perceber nas reações dos outros e seus olhos pestanejavam curiosos, acentuando o início de sua miopia.

Faremos a seguir, uma tentativa de captar a passagem do conto que demonstra o movimento de adaptação do garoto ao seu meio que lhe é imposto:

Mais tarde, quando substituiu a instabilidade dos outros pela própria, entrou por um estado de instabilidade consciente. Quando homem, manteve o hábito de pestanejar de repente ao próprio pensamento, ao mesmo tempo que franzia o nariz, o que deslocava os óculos – exprimindo com esse cacoete uma tentativa de substituir o julgamento alheio pelo próprio, numa tentativa de aprofundar a própria perplexidade. (LISPECTOR, 2009, p. 238)

Reconhecemos aqui que a miopia do garoto, enquanto deficiência física, expressa também uma dificuldade individual de autoafirmação, que fica nítida pela conotação desse recorte do conto – a de que o sujeito se vê pelos olhos dos outros. A dificuldade de enxergar pode ser uma forma peculiar de libertá-lo do olhar do *outro*. Se, por vezes, ele se via inteligente quando as pessoas admiravam-se do que ele dizia, por outras, quando seus parentes não o julgavam assim, ele não se reconhecia inteligente e questionava-se pela instabilidade contida no contato direto com os demais membros de sua família movidos por sua miopia.

Nesse ponto de vista, o personagem central torna-se dono de um cacoete próprio, que se relaciona diretamente com a ideia de *julgamento*. Esse julgamento, ora alheio, ora uma espécie de autojulgamento, o incitava a desenvolver uma máscara a ser utilizada sempre que fosse surpreendido pela reação dos membros de sua família. A instabilidade supracitada passa a ser consciente e deixa de ser dos outros para ser do próprio garoto, que se tornara homem. Com o avanço do tempo, aprofundou-se sua miopia e ainda sua inércia diante de tudo o mais. Essa atitude comportamental possível fora e dentro da obra de arte – olhar para si mesmo com os olhos dos outros, avaliar a si com o ponto de vista do outro – é constante na vida do menino, tudo que o rodeia, o que ele não enxerga imediatamente, não reconhece, não vai ter importância axiológica direta, mas vai ter significado na visão dos outros. As consciências associadas no conto são compreendidas a partir de uma observação externa. E o fato de não apoderar-se de sua chave e perceber, além disso, que essa mesma chave não estaria na posse de ninguém, tornou-se lugar comum na sua existência. Tal aquisição era tida sem nenhuma perplexidade, no entanto, sua miopia tranquila acentuava-se cada vez mais.

Há uma espécie de paradoxo nas colocações do autor e dos personagens membros da família em relação ao comportamento do menino. *Paciente e curioso* são termos usados pelo autor. *Nervoso* é o termo usado pelos demais personagens do conto. A primeira impressão dada ao menino (*paciente*) alude ao fato de conter-se em existir de acordo com olhares alheios; já a segunda (*curioso*), remete ao fato de uma curiosidade ligada à expectativa também alheia sobre si mesmo. Quando considerado *nervoso* pelos demais personagens, fica claro que a resposta axiológica à relação convivenciada define características individuais pré-estabelecidas e instáveis num movimento recíproco de tensões e expectativas da reação dos *outros*. A variação de comportamento do garoto o fazia parecer *dócil e comportado*, pois, no seu ato ético, subentendia-se uma convivência, sociabilização, troca de palavras e atitudes com o outro, da melhor maneira possível, a mais harmônica possível. E, quando expunha o tique nos óculos, parecia *nervoso*, situando a instabilidade de julgamento a que se submetia cotidianamente.

O ponto crucial do conto sobre a vida do *menino* se dá com a informação de que ele passaria um dia com uma prima. O autor sugere com o perfil dessa nova personalidade que o autor-expectador desenvolva um olhar analítico diante do comportamento comum a esse jovem e como esse mudaria diante de novas e diferentes ocasiões a que ele se submeteria. A prima em questão parece ter uma carência afetiva em relação à maternidade. Sem filhos, adorava crianças, deixando uma ideia implícita de que seria um sonho para ambos passarem o dia juntos, curtindo cada um de suas carências íntimas e mútuas. Na concepção interior do menino, ele teria um dia todo para parecer uma pessoa de polaridade linear, durante todo esse dia o *dever* do menino teria um valor garantido. Os sentimentos pareceriam estáveis e os julgamentos instáveis durante esse período não teriam como existir:

Na semana que precedeu “o dia inteiro”, começou por tentar decidir se seria ou não natural com a prima. Procurava decidir se logo de entrada diria alguma coisa inteligente – o que resultaria que durante o dia inteiro ele seria julgado como inteligente. Ou se faria, logo de entrada, algo que ela julgasse “bem-comportado”, o que faria com que durante o dia inteiro ele seria o bem-

comportado. Ter a oportunidade de escolher o que seria, e pela primeira vez por um longo dia, fazia-o endireitar os óculos a cada instante. (LISPECTOR, 2009, p. 240)

Nesse trecho, vemos acentuar-se, a cada instante, a complexidade do tique nervoso e da *miopia* do menino, pela importância dada ao julgamento dos outros e agora da prima – sem filhos, com amor só para ele –, e até que ponto isso justificaria suas características interiores. Durante toda a semana que precedeu o encontro, o garoto encheu sua mente de possíveis comportamentos para as possíveis impressões a despertar na prima. As variáveis foram enormes. Para cada comportamento, antecipava o julgamento da prima. Ele não conseguia encontrar a melhor impressão para si mesmo, por não entender o que queria ser. A sua imagem externa e todos os elementos expressivos do seu corpo estavam sendo vivenciados no interior dele, e, no seu mundo exterior-único visto por ele – no qual ele vê, escuta e apalpa –, ele não percebe sua expressividade externa enquanto objeto único igualmente externo, ao lado dos demais objetos. Torna-se nesse ponto conflitante a fronteira de visão de mundo que o menino míope vê, através de sua própria visão por um lado, e da visão axiológica de seus parentes, por outro. E por ter a visão desfocada, o seu pensamento é situado no seu corpo, inteiramente pelos termos plástico-picturais de seus entes queridos, propiciando para ele uma imagem de si que coadune com sua expectativa instável.

Ao imaginar-se na casa da prima, depois de todas as tensões refletidas, ele expressa uma tranquilidade *dócil*, lembrando-se de que a carência afetiva da prima o deixaria livre para agir como quisesse e para decidir como ela o julgaria. “De algum modo pairava acima da própria miopia e da dos outros” (LISPECTOR, 2009, p. 240), essa superioridade que tinha sobre sua própria instabilidade e a instabilidade dos outros o tornava livre, no entanto, sua liberdade era incrédula (pela falta de consciência sobre ela) e tranquila. Na sequência das *autosensações internas*, o garoto se vê diante de uma ameaçadora representação de estabilidade. A prima o dedicaria um “amor sem seleção”, isso o colocaria em apenas um único julgamento e nesse ponto estava a estabilidade. Se a imagem que ele resolvesse expor resultasse no julgamento equivocado, seria impassível de correção.

Como consequência de transpor os seus próprios horizontes, de dentro da sua real participação na existência, o garoto se viu diante de diversos autoquestionamentos interiores: o que faria neste dia tão esperado? Quantas vezes iria ao banheiro? Enfim, com que medida iria conseguir imprimir condições de julgamento? Diante dessa perspectiva comportamental do menino, o texto nos remete ao ponto em que Bakhtin situa a personagem no horizonte e no ambiente da atividade estética: “De dentro da minha consciência participante da existência, o mundo é o objeto do ato, do ato-pensamento, do ato-sentimento, do ato-palavra, do ato-ação” (BAKHTIN, 2010, p. 89). *O ato ético responsável* do personagem é que deve revelar como ele se move e se orienta em relação ao mundo. Seu centro de gravidade é situado no futuro desejado, um futuro devido e não no dado autossuficiente. Os objetos que rodeiam o menino possuem um valor e um propósito de vida ético-cognitiva no acontecimento aberto; no caso, o dia de convívio com a prima. Essa próxima leitura parcial do conto inspira essas afirmações:

À medida que, durante a semana, as inspirações ligeiramente convulsivas se sucediam, elas foram gradualmente mudando de nível. Abandonou o problema de decidir que elementos daria à prima para que ela por sua vez lhe desse temporariamente a certeza de “quem ele era”. Abandonou essas cogitações e passou a previamente querer decidir sobre o cheiro da casa da prima, sobre o tamanho do pequeno quintal onde brincaria, sobre as gavetas que abriria enquanto ela não visse. E, finalmente entrou no campo da prima propriamente dito. De que modo deveria encarar o amor que a prima tinha por ele? (LISPECTOR, 2009, p. 242)

Entrementes, suas aspirações transpõem-se de seu estado interior para ir de encontro à prima, porém não no seu significado ético, e sim no *ambiente* no qual ele a encontraria, no princípio próprio de sua estruturação e de seu ordenamento transgrediente à consciência possível. *O cheiro da casa da prima, o tamanho do quintal, as gavetas*, são elementos do ambiente criado pelo menino antecipadamente como representação dos seus usos e costumes, pois, segundo Bakhtin (2010, p. 90) “Todos os objetos estão correlacionados com a imagem

externa da personagem, com suas fronteiras tanto internas quanto externas (fronteiras do corpo e fronteiras da alma)”.

Outro momento de desígnios e de quebras acerca de tudo o que ele cogitara aconteceu na chegada à casa de sua prima: ele logo percebeu que ela tinha um dente de ouro – o que o desestruturou por alguns instantes diante de seus próprios pré-julgamentos. Como ele possuía certa instabilidade comportamental, logo aceitou o fato e a construção antecipada foi por terra. O amor da prima também foi uma surpresa para ele e pareceu-lhe bastante natural, então sucede a revinda do *conteúdo-sentido* do termo instabilidade. Para ele a instabilidade agora o distanciava de qualquer controle de si mesmo. Diz-se um ponto relevante da narrativa por exhibir o menino a uma oscilação entre instabilidade e estabilidade, diante dos acontecimentos dos quais ele não possuía domínio das consequências. Ele se vê diante dos olhos da prima, sem o princípio semântico da convivência. Essa passagem aponta para um elemento especial e de muita importância na visão plástico-pictural do menino, enquanto vivenciamento das fronteiras externas que o abarcam. Na tentativa de ter uma percepção real ou representação para construir um horizonte para que ele entrasse sem reservas, mas tudo pareceu mais estranho do que ele esperava. Tentou exprimir uma colocação para um seguido julgamento, observou as plantas no quintal, mas a reação foi mais natural do que o amor da prima, e isso o colocou diante de si mesmo, envolto numa realidade impressiva para um vivenciamento único. O garoto, percebendo a falha de sua tentativa, “iria brincar de ‘não ser julgado’: por um dia inteiro ele não seria nada, simplesmente não seria” (LISPECTOR, 2009, p. 243). Retornamos ao significado da existência própria no devir do menino, ele existia para ser julgado pelos outros, nessa oportunidade única de buscar algo intrínseco dele mesmo, ele resolvera apenas *ser*. Os acontecimentos *do dia* iam permitindo a ele sentir o amor da prima, um *amor errado e estável* que nada parecia com o amor dos outros adultos, era um amor inacabado, um amor *pedindo realização*. Para exemplificar tais afirmações, vejamos esse fragmento do conto:

O dia inteiro o amor exigindo um passado que redimisse o presente e o futuro. O dia inteiro, sem uma palavra, ela exigindo

dele que ele tivesse nascido no ventre dela. A prima não queria nada dele, senão isso. Ela queria do menino de óculos que ela não fosse uma mulher sem filhos. Nesse dia, pois, ele conheceu uma das raras formas de estabilidade: a estabilidade do desejo irrealizável. A estabilidade do ideal inatingível. Pela primeira vez, ele, que era um ser votado à moderação, pela primeira vez sentiu-se atraído pelo imoderado: atração pelo extremo impossível. Numa palavra, pelo impossível. E pela primeira vez teve então amor pela paixão. (LISPECTOR, 2009, p. 243-244)

Salientamos, contudo, que esse dia na vida do menino, com limitações de visão de mundo, era um marco limítrofe entre o que ele crera até então sobre o seu lugar no *mundo da vida* e o que ele estava conhecendo ali. O ato ético-cognitivo se dava às claras envoltos pelo amor da prima, um amor com pressão delicada sem necessidade de julgamentos ou instabilidades. O horizonte agora disposto era transgrediente à sua consciência e marcado pela consciência da prima, ele entrou num mundo de contato com o que estava fora de seu círculo. Seu contexto de valores desabava diante de uma sensação até então não experimentada. A sua visão foi-se focando e tornando manifestas percepções de mundo no qual ele vivia, mas não as enxergava com seus próprios olhos e ainda as escondia inconscientemente por trás de sua miopia. O sabor de sua vida passava de insípido para impressionante. O autor-criador nos fornece uma analogia entre os sentidos de *enxergar* e *não enxergar* as coisas. Somos vítimas do que vimos em nossas vivências e no contato com os que nos rodeiam? Enxergar com os olhos dos outros é enxergar de fato ou todos são míopes segundo a condição do garoto? O sentir por si, sem esperar julgamento alheio, permitiu a ele uma mudança direta em sua “deficiência visual”. Suscita-se através das colocações da narradora que, a partir dessa experiência, o garoto passou a enxergar, no entanto sem perder o costume de ter o seu próprio hábito diante das circunstâncias da vida. É nesse contexto que caminhamos para findar nossas considerações, citando esse trecho concludente do conto:

E foi como se a miopia passasse e ele visse claramente o mundo. O relance mais profundo e simples que teve da espécie de universo

em que vivia e onde viveria. Não um relance de pensamento. Foi apenas como se ele tivesse tirado os óculos, e a miopia mesmo é que o fizesse enxergar. Talvez tenha sido a partir de então que pegou um hábito para o resto da vida: cada vez que a confusão aumentava e ele enxergava pouco, tirava os óculos sob o pretexto de limpá-los e, sem óculos, fitava o interlocutor com uma fixidez reverberada de cego. (LISPECTOR, 2009, p. 244)

Nesse sentido, diante da leitura desse conto, à luz dos conceitos de Bakhtin, tentamos concluir que o contexto volitivo-emocional que conduzia a vida do menino míope era designado pelo seu exterior, de modo que ele escondia atrás de uma possível decadência a atividade de ver as coisas. O seu propósito semântico e o seu inacabamento o inseria no mundo como acontecimento único, singular e aberto de sua existência. Inserção passiva por obter uma consciência axiologicamente formada pelo outro e para o outro.

Referências

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

LISPECTOR, Clarice. *Clarice na Cabeceira*. Organização de Teresa Monteiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

Para citar este artigo

SAMPAIO, Sybelle Rúbia Duarte. Mikhail Bakhtin e Clarice Lispector: evolução de uma miopia. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 1, n. 1, p. 95-105, dez. 2012.

A Autora

Sybelle Rúbia Duarte Sampaio possui Graduação em Letras Português/Inglês (2003), Especialização em Português e Arte e Educação (2006) e Aperfeiçoamento em Língua Inglesa (2011) pela Universidade Regional do Cariri-URCA. É professora do Ensino Médio do Estado do Ceará - SEDUC, das disciplinas de Língua Inglesa, Língua Portuguesa e Literaturas. Atualmente é pesquisadora do Netlli (Núcleo de Pesquisa em Estudos Linguísticos e Literários) da Universidade Regional do Cariri, na linha de Pesquisa: Bakhtinística responsiva.